

atualizar a história

organização de

paulo m. dias e roger lee de jesus

ÍNDICE

Em jeito de introdução (Paulo M. Dias e Roger Lee de Jesus)	9
Viriato, uma figura portuguesa ou ibérica? (Carlos Fabião)	13
Uma matriz medieval islâmica na fundação do reino? (Ana Miranda)	27
D. Teresa e a fundação do reino de Portugal: uma relação atribulada? (Luís Carlos Amaral)	37
A Ordem do Templo e a construção do reino de Portugal (Paula Pinto Costa)	47
Uma sociedade desamparada? A assistência na Idade Média (Ana Rita Rocha)	55
A cultura medieval: uma Idade das Trevas? (Covadonga Valdaliso-Casanova)	67
A heráldica medieval para além da nobreza (Marta Gomes dos Santos)	77
O infante D. Henrique: entre o mito e a realidade (Paulo M. Dias)	89
Repensar a vocação oceânica da Ordem de Cristo (séculos xv e xvi) (Fernanda Olival)	101
A expulsão dos judeus e muçulmanos: uma exigência matrimonial de D. Manuel I? (François Soyer)	113
As viagens e os descobrimentos no Atlântico: entre as ilhas míticas, o segredo e a realidade (Roger Lee de Jesus)	123
A Carreira da Índia: uma história trágico-marítima? (Marco Oliveira Borges)	135
Para além das especiarias. O mundo material da Carreira da Índia (Hugo Miguel Crespo)	147
Protagonistas do esquecimento — desempenhos femininos na expansão marítima e ultramarina portuguesa (Amélia Polónia)	159

O que significava «ser homem» no passado? Masculinidades em perspetiva histórica (Hélder Carvalhal)	173
A Inquisição em Portugal: como e porquê? (Bruno Lopes)	183
Alcácer Quibir: o regresso (fatal) a Marrocos (Luís Costa e Sousa)	195
O período filipino: dominação ou integração? (Graça Almeida Borges)	209
A Restauração: uma revolta por amor à independência? (Joana Fraga)	219
Um império de resistências, 1500-1850 (Mafalda Soares da Cunha)	229
O Marquês de Pombal: um reformador? (Andreia Fidalgo)	239
As Misericórdias: uma instituição de caridade? (Lisbeth Rodrigues)	249
A dívida pública antiga: irresponsabilidade ou prudência? (Leonor Freire Costa)	259
As fronteiras mais antigas da Europa? (Tamar Herzog)	271
Trabalho forçado e escravatura (José Pedro Monteiro)	279
A agricultura e a questão da terra no Estado Novo: progresso ou atraso? (Leonardo Aboim Pires)	291
Um longo debate historiográfico: o Estado Novo era um regime fascista? (Carlos Manuel Martins)	305
«Agora já tu sabes o que é ser português». Ideologia, cultura e sociedade no salazarismo (Luís Trindade)	317
Como lembrar o império? (José Pedro Monteiro)	327

EM JEITO DE INTRODUÇÃO



O livro que tem entre mãos é um livro de História. Tendo em conta o seu título — *Atualizar a História* —, poderá perguntar se a História está desatualizada e se precisa então de ser revista e atualizada. A resposta a esta questão é «sim». Acreditamos que a História, entendida como o conhecimento histórico, isto é, como o estudo do passado humano, encontra-se desatualizada junto do grande público. Tal aconteceu porque, infelizmente, grande parte dos estudos produzidos em ambiente académico, sobretudo nas universidades, têm acesso limitado e dificilmente chegam a ser conhecidos fora destas instituições — uma questão que tem vindo a melhorar graças à criação dos repositórios digitais que permitem a divulgação dos artigos e teses produzidos neste contexto. Porém, os historiadores habituaram-se a debater os mais diversos assuntos entre si, o que levou a que muitos mitos e ideias da História de Portugal continuassem a ser repetidos e permanecessem no imaginário popular.

Neste sentido, o objetivo deste livro é atualizar muitas destas ideias, desmontando, dentro do possível, alguns destes mitos. Tomando por base 29 temas da História de Portugal, desde Viriato (que, bem sabemos, viveu séculos antes de o país existir) até ao legado da memória do império colonial, 28 autores procuraram redefinir aquilo que sabemos sobre estes assuntos. Contudo, este não é um livro académico, mas sim um livro escrito a pensar num público mais alargado, a quem interessa perceber o estado da questão, e não tanto os muitos e longos debates académicos que existem sobre cada assunto. Na realidade, o público especialista, ou que acompanha de perto a produção historiográfica, não encontrará perspetivas inteiramente novas. Assim, cada autor escreveu um texto de síntese, que permite compreender o que se sabe sobre aquele assunto, de forma que o leitor fique atualizado. Cada capítulo é independente, e por isso pode ser lido em separado, mas vários deles acabam por tocar temas

comuns, permitindo uma leitura interligada dessas questões. É necessário notar que cada texto é escrito por um investigador da área, com créditos firmados, e que por isso equivale a anos de investigação, muitos deles até décadas, representando assim uma visão atual e esclarecida, ao contrário da prática comum das pesquisas rápidas na Internet e da credibilidade dada a qualquer página *online*.

Apesar da tentativa para sermos o mais abrangentes possível, é natural que tenhamos feito uma seleção de apenas alguns temas da História portuguesa, deixando muitos outros de fora. Por isso, esta obra não pretende, nem poderia ser, uma obra de síntese sobre toda a História de Portugal. É tão-somente um contributo que permite reavaliar muitos aspetos de uma História longa e complexa. Para quem quiser aprofundar estes aspetos, cada capítulo contém no seu final uma breve lista de sugestões de leituras.

Tendo em conta o objetivo deste livro e a escolha dos temas, poderá ficar na dúvida se se pretende «reescrever» a História. Sobre isso somos claros: não temos dúvida de que este livro contribui, no seu todo, para que a História seja reescrita, oferecendo, de certa forma, uma nova visão sobre o passado. Contudo, é necessário ter em atenção que toda a boa obra historiográfica reescreve a História. Não falamos da História enquanto realidade histórica, enquanto facto — ninguém põe em causa, por exemplo, que a implantação da República se deu a 5 de outubro de 1910. Falamos sim da História enquanto conhecimento histórico, como resultado do estudo e da investigação sobre o passado, porque aquela se encontra em constante atualização, conforme novas fontes são analisadas e novas perspetivas e abordagens permitem redefinir o que se sabia sobre determinado assunto. Não podemos também esquecer que toda a História é analisada conforme o ponto de partida do observador, e por isso as perguntas, as análises e as interpretações feitas refletem muito mais o tempo do observador do que a própria época que se pretende estudar. Ou seja, o historiador carrega sempre consigo o seu tempo, o presente em que escreve e não tanto a época sobre a qual pretende escrever. Longe estamos da leitura positivista do século XIX, em que se acreditava que se devia narrar os acontecimentos «tal como aconteceram» — um erro recorrente, que omite aquilo que acabámos de dizer: que todo o conhecimento histórico é resultado do seu próprio tempo, e por isso passível de ser revisto e atualizado.

Este livro é também o resultado do trabalho de divulgação da História junto do grande público feito no nosso *podcast* semanal — *Falando de*

História — e que alcançou algum destaque na esfera nacional. Contudo, esta obra só pôde ser realizada graças à colaboração dos seus autores, que aceitaram de imediato o convite para participarem num projeto desta natureza, e a quem estamos profundamente agradecidos.

Agradecemos também à Saída de Emergência e a toda a equipa com quem tivemos a oportunidade de trabalhar: ao Luís Corte Real, à Célia Nogueira e ao Paulo Batista, por terem recebido de braços abertos a ideia de que era possível produzir uma obra de História de qualidade que juntasse um grupo alargado de especialistas da área.

Por fim, e a nível pessoal, agradecemos respetivamente ao Nuno e à Marta o constante apoio e a paciência e compreensão pelas horas gastas a preparar, gravar e editar o *podcast* e agora este livro.

Paulo M. Dias e Roger Lee de Jesus